



O legado roubado

Resenha¹ de JAMES, George G. M. *Stolen Legacy: How the Wisdom of Ancient Egypt was Transformed into Greek Philosophy*. 1954.

Katiúscia Ribeiro Pontes²

Na missão de destituir o *mito de uma filosofia de origem puramente grega*, George James constrói *Stolen Legacy (O Legado Roubado)* nos contando, em detalhes, como teria sido a trajetória e as circunstâncias que levaram a formação da filosofia grega. Se falamos do *construto* da filosofia grega, remetemo-nos à história da filosofia ocidental como um todo, afinal os gregos são referências essenciais para a formação da cultura e da filosofia do ocidente. Os ocidentais são “gregos” em muitas formas e maneirismos. O caminho que James percorre não é de maneira alguma ortodoxo. Um caminho que transborda o comum. James afirma desde o primeiro capítulo que a filosofia grega teria sido fruto do roubo de um legado, o legado egípcio. Parece-nos que o interesse do autor é, justamente, apontar a tamanha negligência e violência dos outros contra as produções intelectuais africanas, já que esses traços foram *completamente* retirados da história da filosofia. Espantamos-nos, *ainda*, ao saber da hipótese de uma influência preta na origem do pensamento dos *patronos* da sabedoria do ocidente.

O autor traça um mapa geopolítico explicitando o modo como os gregos construíram a chamada “História da Filosofia”, onde os filósofos gregos são narrados como pioneiros nas elaborações filosóficas sobre mitologia, cosmogonia e questões existenciais da humanidade. James chama atenção para fatos históricos que atravessaram o território grego no período onde supostamente os mesmos teriam inaugurado a chamada História da Filosofia. Segundo o autor, as guerras constantes pela disputa de

¹ Essa resenha foi feita em parceria com os integrantes do Geru Maa: Antonio Gomes dos Santos, Danieli Naziazeno Saucedo, Higor Luan Santos Camargo, Ítalo Herbert Pereira da Silva, João Pedro Pedroza Cabral dos Santos, José Henrique de Jesus Silva, Kattheriny Mendes de Sá, Leonardo de Oliveira Elias, Maria Eduarda dos Santos Magalhães, Maria Jaislene de Lino Souza Raphael Luiz Barbosa da Silva, Sônia Ribeiro.

² Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Rio de Janeiro. Coordenadora do Geru Maa Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios (IFCS-UFRJ).

território com os persas, bem como a disputa interna entre as cidades-estado gregas, através de suas ligas e confederações, configurava um ambiente hostil e intranquilo para criação de conceitos filosóficos metafísicos e holísticos, o que seria inviável para um ambiente com disputas externas e internas, gerando inclusive uma inveja e desunião interna entre os próprios gregos, como aponta o autor.

O autor demonstra que a Filosofia Grega foi fruto dos Sistemas de Mistérios Egípcios, além disso, o autor traz à tona algumas objeções acerca da História da Filosofia. O autor explica quatro pontos extremamente importantes e caros à Filosofia e a legitimidade da Filosofia Africana. Estes pontos são: (1) A teoria Egípcia de salvação que desde a antiguidade tornou-se o objetivo da Filosofia Grega; (2) Circunstâncias da identidade entre os sistemas Egípcio e Grego e (3) A abolição da Filosofia Grega com os Mistérios Egípcios.

Algo que chama muito a atenção dos estudantes de Filosofia é a mera “semelhança” entre a Filosofia Egípcia e a dita Filosofia grega, tanto na Filosofia Egípcia como na Filosofia Ocidental a sabedoria tinha na antiguidade como objetivo a elevação da alma, a deificação dos sujeitos, também a libertação dos grilhões corporais, algo presente nos saberes de Platão e de outros filósofos ocidentais, mas retomamos o questionamento de James: Quem ensinou o filósofo que ensinou outro filósofo? Ou seja, quem ensinou Sócrates?

Percebe-se que os *gregos eram crianças aos olhos dos egípcios* e de que tinham que ser ensinados sobre os mistérios da vida, por isso: Sistema de Mistérios Egípcios. Neste sistema havia uma hierarquia de conhecimento, como etapas no processo de aprendizagem/ conhecimento. Segundo G. James, primeiro são (1) os Mortais, ou seja, estudantes, estagiários que estavam sendo instruídos, mas que ainda não tinham experimentado a visão interior. Podemos pensar que a visão interior seria o conhecimento de si, algo presente na frente dos templos egípcios. *Conhece a ti mesmo* frase “destinada” a Sócrates. (2) Os Inteligentes, ou seja, aqueles que tinham alcançado a visão interior, e tinham recebido mente ou *nous* e (3) os criadores ou filhos da luz, que haviam se identificado com ou se unido com a luz (ou seja, a verdadeira consciência espiritual) algo também presente a posteriori na filosofia socrática conhecido como trazer a luz as ideias, como era conhecido sócrates, o parteiro de ideias.

Então, além de haver um sistema complexo de aprendizagem e de tornar-se um filósofo haviam as disciplinas (Gramática, Retórica, Lógica, Geometria, Aritmética, Música e Astronomia) que direcionam os sujeitos a uma moralidade justa e equilibrada pela ordem (Maat). Tudo o que a Filosofia Ocidental apresentou como “milagre grego”, no Egito, localizado no Continente africano já se fazia presente, embora com outro método, mas com o conteúdo e objetivo sendo os mesmos, como a eternidade da alma, a “liberdade” dos grilhões corporais e *arché* (princípios de todas as coisas). Os Gregos foram educados por africanos, isso é difícil para o Ocidente admitir, afinal vive-se uma disputa epistemológica.

George James faz uma acusação incisiva contra o surgimento grego da Filosofia, contra os “saberes” destinados aos pré-socráticos, até mesmo a Sócrates, Platão e principalmente Aristóteles (O filósofo) com sua gama de escritos sendo questionados. A vida egípcia era uma travessia de virtudes e tais virtudes estão presentes na Filosofia de Platão, o grande problema é o não reconhecimento de sua fonte de inspiração, os africanos. Por que a história da Filosofia e seus interlocutores insistem em invisibilizar a contribuição do continente africano na cultura da humanidade.

George James apresenta sua hipótese, de uma educação egípcia dada aos gregos, isto é, apresentando em alguns episódios a flagrante presença ativa dos sacerdotes egípcios na construção do pensamento clássico greco-romano. Ao longo dos anos, o acesso ao Egito aconteceu de modos distintos, inicialmente de forma duramente restrita, depois sem restrição que culminará no que James sustenta como o roubo de todo conhecimento elaborado pelos egípcios e que foi associado ao “milagre” grego. Os egípcios, primeiramente, colonizaram os gregos antes mesmo dos fenícios e trácios. Essa colonização levou para os gregos o ensino de doutrinas egípcias através de mitos, de modo a conseguir apregoar valores científicos, éticos, filosóficos, políticos a essa sociedade que desconhecia muitos dos elementos básicos que hoje são equivocadamente atribuídos aos gregos. Essa técnica de educação por meio da religião e do medo aos deuses foi adotada também pelos fenícios, trácios e, posteriormente, pelos próprios gregos.

Os gregos foram colonizados por outros povos, e a entrada de gregos no Antigo Egito foi proibida até 670 a.C. Os jônios e carianos eram conhecidos por suas práticas piratas, de tal modo que, os egípcios criaram leis de restrição de imigração grega que perduraram até o reinado de Psammitichus e Amasis, período que pela primeira vez os gregos são empregados como mercenários no exército egípcio. Rei Amasis também retirou a restrição de entrada no Egito e permitiu que os gregos se estabelecessem em Naucratis. Logo em seguida, no reinado de Amásis, os persas invadiram e conquistaram o Egito, abrindo definitivamente as portas de acesso aos conhecimentos e sabedoria egípcia.

Com a abertura das fronteiras egípcias, estudantes da Jônia e do Mar Egeu visitaram o Egito em busca de formação educacional. O Egito era referência de cultura e sabedoria no mundo antigo e todos buscavam entrar para o Sistema de Mistérios, sistema de sabedoria egípcio. Dos pré-socráticos a Sócrates, Platão e Aristóteles, todos eles estiveram no Egito em busca de formação. Pitágoras viajou frequentemente ao Egito, tinha autorização a partir da amizade com Polícrates, que também era amigo do Rei Amasis.

De todos aqueles que visitaram o Egito, o que mais se beneficiou foi Aristóteles. Conforme James apresenta, Alexandre ao conquistar todo o Egito, ordenou o saqueamento de todas as bibliotecas (Alexandria, Tebas, dentre outras) e fundou uma “nova” biblioteca de Alexandria como um grande centro de pesquisa liderado por

Aristóteles e seus discípulos. A partir de então, Aristóteles tem acesso aos milhares de anos de conhecimentos acumulados pelos egípcios e começa a escrever a diversidade de obras. O principal argumento sustentado por George James é que seria impossível uma única pessoa escrever tantos livros em uma única vida sobre conhecimentos tão diversificados, sem ao menos ter tido contato com esse conhecimento já acumulado e registrado.

Os filósofos da escola Jônica precisamente Tales, Anaximandro e Anaxímenes, observa-se que é bem fragmentado a forma como eles obtiveram esses conhecimentos, entretanto Aristóteles especula que Tales tirou sua teoria de que a água é a fonte de todas as coisas vivas e todas as coisas estão cheias de Deus, do mito de Oceanus. Em seguida apresenta as teorias de Pitágoras, a salvação da alma que consistia, na libertação do ser do ciclo nascimento, morte e renascimento, libertando-se desse ciclo a alma adquiria o que era chamado de perfeição, podendo então viver em companhia dos deuses no mesmo espaço. Caso os iniciados seguissem à risca o sistema pitagórico alcançariam o grau supremo, sua alma seria purificada, alcançando a elevação espiritual tornando-se semelhante a Deus.

É abordado também a respeito dos filósofos Eleáticos, especificamente Xanophanes, Parmênides, Zeno, Melisses, destaco o *Peri Phýseos*, escrito por Parmênides, transcrito de James “Na primeira parte a deusa da verdade aponta que existem dois caminhos de conhecimento...”³ (JAMES, 1954, p. 60) o *Peri Phýseos* é considerado um poema de difícil interpretação, entretanto essa menção a deusa da verdade se assemelha muito a Ma’at, e a doutrina da Cosmologia aparente, na verdade é semelhante a doutrina dos opostos, ou seja há um equilíbrio ou um princípio ordenador a se seguir e esse princípio é Ma’at. A posterior escola Jônica, Heráclito, Anaxágoras e Demócrito. Destaco a doutrina do *logos* a harmonia da natureza acontece mediante a concórdia dos opostos, em outras palavras equilíbrio. Demócrito, e sua teoria do Átomo e o Atom na criação a combinação do orgânico e inorgânico para a formação do mundo, analisando bem podemos perceber a doutrina dos opostos. Contudo, outros filósofos também representavam doutrinas semelhantes a dos opostos, como a exemplo de Pitágoras com os elementos pares e ímpares, Parmênides com o não ser a fim de afirmar ser, Sócrates com a unidade e dualidade, divisão e composição, vida e morte, Demócrito *To on* (o que é) e *To mé on* (o que não é), a fonte desses destas doutrinas estão no Egito, ou seja no Sistema de Mistérios Egípcios, no sistema de criação egípcia a ordem saiu do caos representado por quatro pares de opostos, que são dos deuses masculinos e femininos, Nun e Naunet, Huk e Hauket, Huh e Hauhet, Amon e Amaunet, em outras palavras não teve nenhum ensinamento novo, visto que os antigos egípcios estavam familiarizados com essas doutrinas 3000 a.C.

³ Tradução livre do texto original: “In part one, the Goddess of truth points that are two paths of knowledge [...]” (JAMES, 1954, p. 60).

É durante o percurso de uma *história recontada da filosofia antiga do ocidente* que, finalmente, chegamos ao sexto capítulo: *Os filósofos atenienses*. James, então, passa a investigar os três aclamados filósofos atenienses: Sócrates, Platão e Aristóteles. Sua tentativa de explicitar como seus *legados* são formados, de forma nem um pouco inocente, é desenvolvida através de um método em três passos: (1) Apresentação da vida do filósofo; (2) Apresentação das principais doutrinas do filósofo; (3) Elaboração de uma *leitura* que conecta a vida e as doutrinas apresentadas ao propósito do livro, justamente, afirmar que a filosofia dos gregos é efeito de um saqueamento dos saberes dos antigos egípcios.

James percorre sobre esses três aspectos durante a explanação dos três filósofos supracitados, destacamos a *revolução* trazida com o terceiro passo. É essa *leitura* que afirma a hipótese principal do livro. A exemplo quando nos perguntamos o porquê Sócrates era praticamente desconhecido até seus 40 anos, o porquê do filósofo viver em pobreza e o porquê nada se empenhou em escrever, James nos responde que isso é fruto de sua iniciação no Sistema de Mistérios Egípcios, como um Iniciado cumpria votos de sigilo e também o lema de continuar num estado de pobreza material. Para o autor, Sócrates teria sido um verdadeiro Mestre, diferente de seus sucessores. E a autoria do mais famoso diálogo platônico *A República*? Segundo James, Platão não teria sido autor desse aclamado texto sobre a justiça, nem nenhum dos filósofos gregos. Já a grandiosa produção de Aristóteles é explicada em três vias: Aristóteles teria ficado bastante tempo sob a tutela dos sacerdotes egípcios, notas teriam sido feitas das obras presentes na Biblioteca de Alexandria e se transformado com o tempo escritos de autoria aristotélica, além de livros terem sido saqueados da Biblioteca e postos, também, sobre sua autoria.

Os exemplos dados são pontuações do sublime capítulo composto por James. Partes que demonstram a grandiosidade do todo. O autor passa de aspecto a aspecto, doutrina a doutrina e cobre uma enorme gama teórica dos filósofos atenienses. Para nós, o mais importante da leitura foi as perguntas que James fez e que nos parecem nunca terem sido perguntadas antes. Perguntas que estão abertas a críticas, refutações, releituras, mas que nunca perdem a importância de serem *perguntas inovadoras*. Questões de contestação, de poder, de salvação e, principalmente, de libertação. James dá o nome a um texto revolucionário, um experimento filosófico em sua mais alta manifestação, que nos faz repensar a origem da filosofia, o *construto* da história da filosofia e o que é a própria filosofia. Assim, o método de James é sobretudo ousado e inovador, trazendo perguntas que fazem as bases da filosofia tradicional vacilarem ao tentar emitir respostas. James nos leva a pensar novos horizontes, novos meios para caminhar dentro da filosofia em si. Depois da leitura, saímos, sobretudo, mais filósofos do que nunca. Continuemos, então, a perguntar.

A Teologia Menfita, base de todas as doutrinas da Filosofia Grega, composta por três partes que serão discutidas os ensinamentos e os fundamentos que os gregos roubaram da sociedade egípcia. James contextualiza como houve todo o desenvolvimento

da obra da criação apresentando os Deuses e a criação deles, Ptah o primeiro a sair das águas primordiais de Nun e Atum que também emerge das águas sentando-se ao lado de Ptah junto de outros Deuses que inicia a obra da criação. É apresentado a ordem do arranjo e do cosmo pelos atributos do Deus Atum, que constitui uma Enéade de Deuses do seu próprio corpo. Desse Deus Egípcio foram roubadas pelos gregos duas doutrinas que são concebidas a Platão e Aristóteles, a do Demiurgo e a do Motor imóvel, ambas pertencentes a esse Deus, que se correlaciona também como fonte do conhecimento científico moderno diante das semelhanças estabelecidas.

Em seguida, o autor trata sobre quem ele aponta os verdadeiros criadores da Filosofia, os africanos do Norte, por consequência, o reconhecimento dessa verdade levaria a redenção de todos os povos e raças, por meio de mudança de opiniões e atitudes ofertando honras e louvor aos povos africanos. Segundo James, a mudança mais importante seria no âmbito cognitivo das pessoas pretas. Transformando o complexo de inferioridade à consciência de igualdade entre todos os povos que construíram grandes civilizações. Tais transformações seriam responsáveis por mudar as relações sociais entre os povos. Roma invejava este sistema cultural e, conseqüentemente, legalizou o cristianismo enquanto uma religião de Estado rivalizando com o Sistema de Mistérios. Este Sistema nunca foi compreendido pelos europeus, logo, os Mistérios e todas as religiões descentes antigas dos povos pretos foram desprezadas. Para o autor, o Drama da Filosofia Grega que pode ser chamado de Causa Causarum, foi responsável por fazer com que as raças pretas e brancas vítimas de uma falsa tradição racial sobre o Continente Africano, e também, parceiros na solução do problema da reforma social. Esta Reforma contaria com a cooperação das melhores mentes entre as raças para disseminar a verdade pelo mundo.

Neste sentido, James, sugere um sistema de reeducação com vistas a mudança de atitude entre as raças, ensinar a verdade sobre o Sistema de Mistérios que ofereceu ao mundo a filosofia, religião, artes e a ciência. Remover dos livros didáticos todos os falsos elogios aos gregos. A reeducação inclui os missionários que deveriam compreender a língua, os costumes, as ideias dos povos africanos. Para ele, o reconhecimento da verdade sobre o lugar do Continente Africano na história das civilizações, o desrespeito e preconceito desapareceriam, pacificado as relações raciais.

A Nova Filosofia consiste em uma crença e vivência, trata de um processo psicológico que envolve mudança de mentalidade seguido por comportamento correspondente. James, aponta que a Nova Filosofia de Redenção deve: ensinar a verdade dentro dos espaços sociais pretos; demonstrar descrença na falsa adoração do intelecto grego, ou seja: não citar Sócrates, Aristóteles e Platão enquanto referências intelectuais, renunciar adesão de fraternidades gregas e abolí-las das faculdades de cor porque promove o complexo de inferioridade. Não menos importante, o mesmo ainda sugere, o boicote a empresa missionária por meio da literatura e exposição; protestar contra a sua política por que esta milita contra a cultura africana.

A importância da argumentação de James em *Stolen Legacy* se encontra nos fatos apresentados para defender sua tese de um legado roubado pelos gregos, e a contundência desses fatos evidenciam fortemente a influência egípcia na formação do pensamento grego, mais ainda, que a história clássica da filosofia não confere créditos mínimos a essa formação e nem admite que o Egito Antigo fosse capaz de elaborar uma filosofia, um pensamento, em uma amplitude enorme de conhecimentos sem os quais não seria possível Aristóteles e outros gregos “produzirem” tanto conhecimento.
